

Palestra do Guia Pathwork® n° 189

Palestra não editada

12 de fevereiro de 1971

A AUTOIDENTIFICAÇÃO DETERMINADA PELOS ESTÁGIOS DA CONSCIÊNCIA

Saudações e bênçãos são derramadas sobre todos vocês aqui, em uma força espiritual grandiosa e magnífica que podem assimilar e da qual podem participar na medida em que verdadeiramente se abrirem para ela – com seu coração e sua mente.

Na palestra desta noite discutirei a consciência mais uma vez, a partir de uma abordagem nova e diferente, porque muitos dos meus amigos envolvidos neste trabalho já estão prontos para tirar proveito desta palestra específica e, na verdade, precisam muito dela a fim de consolidar o material adquirido em seu caminho até o momento. Ela se refere, principalmente, ao problema da autoidentificação que, logicamente, já discutimos no passado, mas que agora podemos abordar de maneira mais intensa, profunda e abrangente com o progresso adquirido desde então.

Talvez seja difícil para os seres humanos compreender que a consciência permeia todo o universo e a criação. Ela não depende simplesmente de uma personalidade ou da personificação de uma entidade, nem existe através dela. Permeia tudo o que existe. A mente humana está condicionada a pensar que a consciência é exclusivamente um subproduto da personalidade, que pode existir somente na forma humana. É até mesmo associada ao cérebro, como manifestação exclusiva da consciência. Isso não é verdade. A consciência não requer uma forma fixa. Cada partícula de matéria contém consciência. Mas na matéria inanimada a consciência esta petrificada, como acontece com a energia nos objetos inanimados. Consciência e energia não são a mesma coisa, mas são aspectos interdependentes da manifestação da vida.

À medida que a escalada evolutiva progride, essa petrificação diminui e consciência e energia se tornam cada vez mais vibrantes e adquirem cada vez mais movimento. Cada vez mais, a consciência adquire percepção e a energia poder criativo para mover-se, construir e criar formas.

A consciência passou, por meio de processos impossíveis de comunicar à compreensão humana, por uma separação, de modo que aspectos da consciência “flutuam” pelo universo, se é que posso usar essa expressão. Cada característica familiar à compreensão humana, cada atitude conhecida na criação, cada aspecto da personalidade é uma entre muitas manifestações da consciência. É preciso que cada uma delas que ainda não esteja integrada ao todo seja unificada, sintetizada, tornada parte do todo harmonioso. É preciso um salto de sua imaginação para compreender o conceito que estou tentando comunicar aqui. Será que vocês podem imaginar por um momento sequer que muitos traços que lhes são familiares, que vocês sempre associaram à pessoa, como se existisse somente através de uma pessoa, não são a pessoa em si, senão partículas da consciência geral que flutuam livremente, não importando se esses traços são bons ou maus ou aparentemente indiferentes? (Na verdade não existem traços indiferentes.) Tome o amor, ou a perseverança, ou a indolência, ou a preguiça (sobre a qual devo fazer futuramente uma palestra específica, por ser mais importante do que parece à primeira vista), ou a impaciência, ou a gentileza, ou a teimosia, ou a malícia. Não importa o que seja, todos eles precisam ser incorporados à personalidade que os manifesta. Somente então

ocorre a purificação, a harmonização e o enriquecimento da consciência que os manifesta, o que cria o processo evolucionário de unificação das partículas separadas de consciência.

É importante notar que os aspectos desarmoniosos e destrutivos da consciência sempre se mantêm separados. Não podem ser unificados e integrados. Isso não exige nenhum salto da imaginação. Pode ser verificado prontamente por qualquer indivíduo que observe esse processo em si mesmo. Os traços positivos, os aspectos construtivos da consciência, são sempre uma parte harmônica da totalidade e, assim, enriquecem cada um dos outros traços e expandem a consciência como um todo. Não posso expressar, em absoluto, a realidade completa destas ideias porque a linguagem humana é demasiado limitada. Mas não pretendo fazer-lhes uma palestra abstrata da qual não possam tirar proveito. Em um instante, tratarei de aplicações muito pessoais e práticas dessa nova abordagem.

Cada aspecto da consciência tem, de acordo com a sua natureza, suas próprias características, seu próprio movimento vibratório e frequência do movimento energético, sua própria emanção, sua própria cor e odor, seu próprio tom e muitas outras expressões de sentidos sobre os quais o estado humano de desenvolvimento nada conhece. Os sentidos que existem na realidade excedem em muito o espectro conhecido de sentidos percebidos pelos seres humanos. Existem infinitamente mais cores, tons, odores, etc.

O ser humano é um conglomerado de aspectos da consciência. Alguns já estão purificados, alguns sempre foram puros e, portanto, fazem parte da individualidade, não mais separados e, conseqüentemente, desarmônicos. Formam um todo integrado. Outros aspectos são negativos, destrutivos e, portanto, estão separados. Podem ser comparados a apêndices. É a tarefa de cada ser humano sintetizar, unificar e assimilar diversos desses aspectos de consciência em cada encarnação. Se você realmente tentar compreender o que digo aqui, poderá descobrir que este é um jeito novo de explicar a existência humana. Naturalmente, isso não se aplica somente ao nível da consciência humana, mas também a estados de consciência de desenvolvimento mais elevado. Somente então o esforço deixa de ser tão severo ou doloroso. A percepção ampliada dos estados mais elevados facilita o processo de síntese de forma incomensurável. A dificuldade da condição humana é a falta de compreensão do que sucede, a cegueira com que o indivíduo está envolvido no esforço e sua tentativa deliberada de perpetuar essa cegueira.

Na mesma medida em que existe esforço e tensão em uma “personificação”, nessa mesma medida os diversos aspectos da consciência estão em conflito uns com os outros. A entidade não se dá conta do significado da dificuldade e está tentando identificar-se com um ou vários desses aspectos, sem saber qual ou o que é o seu verdadeiro eu. Onde ele está localizado? O que é? Como pode ser encontrado no labirinto dessa discórdia? Você é o melhor que pode ser? Você é a sua consciência excessivamente severa que o aniquila por causa de suas características negativas? Ou é o demônio destrutivo? O melhor eu é a fúria com relação ao demônio que existe em você, ou é a total negação de sua existência? Certamente, essa atitude parece a mais virtuosa e escrupulosa. Esse esforço e essa busca são contínuos, independentemente de o indivíduo estar ciente disso ou não. É claro que quanto mais consciente for o esforço, melhor. Precisamos agora encontrar respostas a essas perguntas, concentrando toda a nossa atenção nesse problema. Qualquer caminho de autodesenvolvimento deve, mais cedo ou mais tarde, chegar a um acordo com essas perguntas – com o profundo problema da autoidentidade.

É uma distorção humana identificar-se com qualquer dos aspectos mencionados acima. Você não é nem os seus traços negativos, nem a sua consciência autopunidora, nem tampouco os seus traços positivos. Mas conseguiu integrar estes últimos à plenitude de seu ser. No entanto, isso não é o mesmo que torná-los quem você é. É mais exato dizer que você é aquela parte que conseguiu isso, que a parte que integrou e determinou, decidiu e agiu, pensou e quis é você e, portanto, pôde absorver o que antes era um apêndice, com suas próprias direções e expressões contraditórias. Cada aspecto possui uma vontade própria, como sabem aqueles de vocês que trilham o Pathwork. Enquanto você está cegamente envolvido na batalha e, portanto, nela submerso, os diversos aspectos, cada um com sua própria vontade, o controlam porque o eu que poderia determinar de maneira diferente ainda não encontrou seu poder. Esse envolvimento cego escraviza a pessoa e inativa sua energia criativa. Isso leva ao desespero, devido à falta de uma noção do eu. Se a personalidade acreditar cegamente que é sua própria negatividade, seus aspectos destrutivos, ficará envolvida em um tipo especial de batalha interna. Por um lado, haverá autoaniquilação, autopunição e um ódio violento por si mesmo como reação à percepção do eu como sendo apenas essa parte negativa. Por outro lado, como a personalidade pode verdadeiramente querer abandonar essas características ou mesmo enfrentá-las e investigá-las em sua totalidade quando acredita que essa é a única realidade do eu? A pessoa é atirada de um lado para o outro entre “Preciso permanecer como sou, inalterado e sem qualquer melhora, já que esta é a minha única realidade e não quero deixar de existir” e “Sou tão terrível, tão mau, tão desprezível, que não tenho direito de existir. Devo punir-me excluindo-me da existência”. Por ser dolorosa demais para ser encarada quando se acredita que seja um problema real, toda essa questão é posta de lado, por assim dizer, e encoberta. Vive-se assim uma vida de simulação, um fingimento, que desloca o senso de identidade e de verdadeira existência para o fingimento. A luta é contra expor-se e, mais ainda, contra abrir mão da farsa, já que a única outra alternativa é o conflito mencionado acima. Não é de se admirar que os seres humanos tenham tanta resistência. E, no entanto, esse é um enorme desperdício, visto que nada disso é real. Existe um eu real que não é igual aos aspectos negativos, nem à tenaz autoaniquilação e nem à farsa que encobre tudo isso. Encontrar esse eu real é a nossa meta.

Para que o eu universal possa se manifestar plenamente em você, já existe um aspecto dele disponível neste exato momento, que pode ser posto em prática imediatamente. Esse aspecto é seu eu consciente no melhor de sua forma, da maneira como é agora. Trata-se de uma manifestação presente limitada de seu ser espiritual, mas é verdadeiramente você. É o “eu” de que você precisa para botar ordem em toda a sua confusão. Essa consciência já manifesta existe em muitos âmbitos de sua vida, mas você nem se dá conta disso. Ainda não a pôs em prática na área desse conflito, onde continua controlado cegamente pela falsa identificação, ou ainda melhor, por suas consequências.

O “eu” que é capaz de tomar uma decisão de, por exemplo, verdadeiramente encarar esse conflito, de observar as suas diversas expressões – esse é o eu com qual você pode identificar-se com segurança. Na medida em que a personalidade desperta e a autoconsciência é obtida, tais decisões, escolhas e determinações se tornam possíveis. Por outro lado, na medida em que tais decisões, escolhas de atitudes e determinações são tomadas, a consciência desperta e se expande. Normalmente, a consciência imediatamente disponível de todo ser humano em vida não é usada de forma plena nos pontos onde existem seus maiores sofrimentos e conflitos. O pleno escopo de seu poder não é posto a serviço do conflito em questão. Quando a entidade começa a fazer isso sistematicamente, uma grande mudança está se dando. Um novo estágio de desenvolvimento é atingido a essa altura. Na medida em que o eu consciente se vale de seu conhecimento já existente da verdade, de seu poder já existente de pôr em prática sua boa vontade, de sua capacidade já existente de ser positivo, comprometido, verdadeiro, corajoso e perseverante na luta em questão, de sua habilidade já existen-

te de escolher a atitude apropriada ao problema, nessa exata medida sua consciência se expande e se torna cada vez mais infiltrada pela consciência espiritual. A consciência espiritual não pode se manifestar quando a consciência já existente não é totalmente empregada na conduta da própria vida. Com seu uso, nova inspiração, novos âmbitos de visão e compreensão, de profunda sabedoria e experiência brotam das profundezas da pessoa. Porém, enquanto a personalidade segue a linha de menor resistência, cedendo ao envolvimento cego; enquanto abre mão de encontrar uma verdadeira autoidentidade e acomoda-se cegamente a uma pseudoexistência; enquanto segue a rotina, presa ao sulco do velho caminho trilhado de reações habituais, seguidas de uma justificativa leviana; enquanto afunda-se no pensamento compulsivo, no pensamento circular negativo e sem esperança, durante esse período de tempo a consciência do eu – da maneira como existe agora – não será plenamente empregada. Por consequência, a consciência não tem como expandir-se, não podendo transmutar e sintetizar os aspectos negativos com os quais falsamente se identifica, nem trazer à tona aspectos mais profundos do eu espiritual. Enquanto os valores existentes não tiverem sido totalmente postos em prática, valores adicionais não terão como ser concretizados. Essa é uma lei da vida que se aplica a todos os níveis do ser. É muito importante que isto seja compreendido, meus amigos.

Quando se identifica com um ou mesmo com um grupo de aspectos e acredita que esses aspectos são você, você se submerge neles. Desde muito no início, quando comecei a dar as palestras, usei os termos “eu superior, eu inferior e máscara”. São termos bastante resumidos que comportam, naturalmente, muitas subdivisões e subvariações. Para se obter um referencial conveniente, podem-se classificar certos aspectos como pertencentes a uma ou outra dessas três categorias básicas.

Nem é preciso dizer que a vontade genuína do bem é uma expressão do eu superior. Não obstante, existe outra vontade do bem que pode ser facilmente confundida com esta última, embora não seja de forma alguma a mesma coisa. É a vontade de ser bom em nome das aparências, de negar os aspectos mais baixos, porque o esforço não é assumido com o eu consciente, aquele que determina e escolhe. Os aspectos demoníacos e destrutivos são, obviamente, uma expressão do eu inferior. Mas a culpa gigantesca que pune esses aspectos destrutivos com a aniquilação total não é uma expressão do eu superior, embora facilmente possa se passar por tal. Ela é, na verdade, mais destrutiva do que a própria destrutividade. Provém inteiramente da falsa identificação de si mesmo, mencionada acima. Se você acredita ser o seu próprio demônio, parece não ter outra escolha senão aniquilar-se; porém, teme a aniquilação e, portanto, aferra-se ao demônio. Mas se você observar o demônio, poderá começar a identificar-se com aquele que observa.

Vocês não devem se esquecer jamais de que nenhum de vocês está totalmente envolvido nesse conflito. Se fosse esse o caso, ainda não haveria a possibilidade de sair dele. Existem muitos aspectos de seu ser em que usam o poder de seus processos de pensamento criativo, em que expandem sua mente e, dessa forma, criam produtivamente. Estamos, no momento, concentrando nosso foco nas áreas em que vocês não estão se expandindo nem sendo produtivos.

Enquanto a entidade humana for incapaz ou, mais exatamente, não estiver disposta a reconhecer seus aspectos destrutivos, deverá perder-se neles. Assim, não consegue identificar-se de maneira apropriada. Como disse anteriormente, essa incapacidade de reconhecer, dar nome e observar os elementos destrutivos indica que o eu acredita que é a própria destrutividade. Embora o desejo de ocultar os aspectos destrutivos seja mais destrutivo do que o que quer que se oculte, ao mesmo tempo indica o desejo de livrar-se da destrutividade. Assim, o desejo de ocultar a destrutividade é uma mensagem extraviada, mal-entendida e mal-interpretada do eu superior. É uma maneira incorreta de aplicar e interpretar o anseio do eu espiritual. A negação dos aspectos destrutivos, eu repito, leva a

um esforço de aniquilação voltado contra a identidade que se percebe de si mesmo. Discutamos agora mais a fundo como o eu consciente pode ser mais ativado e utilizado, de modo que se possa expandi-lo e abrir espaço para que a consciência espiritual o infiltre.

Cada um de meus amigos no caminho, que tem trabalhado laboriosa e diligentemente para despojar-se da máscara, abandonar as defesas, superar a resistência a expor tendências aparentemente vergonhosas, vivenciou como o reconhecimento dos traços negativos cria uma nova liberdade. Por que isso acontece? Logicamente, a resposta óbvia é que o mero fato de se ter a coragem e a honestidade para tanto é, em si mesmo, um fator que traz alívio e libertação. Mas trata-se de mais do que isso, meus amigos. Vai mais além. Ou seja, por meio do ato do reconhecimento, ocorre na identificação uma mudança sutil, mas nítida. Antes de tal reconhecimento, você estava cego para os aspectos destrutivos (ou alguns deles), o que indicava que acreditava que eles fossem você. Assim, não lhe era possível arcar com seu reconhecimento, porque você se identificava com algo que lhe era inaceitável. Mas, no momento em que reconhece o que até então era inaceitável, você deixa de ser o inaceitável, passando a identificar-se com aquilo em você que é capaz de fazer o reconhecimento, que opta por reconhecer! Não reconhecendo os aspectos que odeia em si mesmo, você se cega com relação a eles, sendo impotentemente controlado por eles. Ao reconhecê-los, uma parte diferente assume o controle, uma parte que pode fazer algo a respeito deles, mesmo que esse algo seja, a princípio, meramente observar e tatear em busca de uma compreensão mais profunda da dinâmica subjacente. A situação é totalmente diferente quando você se identifica com os traços vergonhosos ou quando os identifica. No momento em que os identifica, você deixa de se identificar com eles. Esse é o motivo por que é tão libertador reconhecer o pior na personalidade após haver lutado contra a sempre presente resistência a fazê-lo. Isso se tornará ainda mais fácil quando você puder fazer a distinção clara entre os aspectos dos quais não gosta em si mesmo e você ser esses aspectos.

No momento em que você identifica os aspectos negativos, dá nome a eles, os afirma, articula e observa, aquele que identifica, dá nome, afirma, articula e observa é o eu com o qual você pode se identificar de maneira verdadeira, segura e realista. Esse eu guarda muitas opções, possibilidades e escolhas – a primeira delas sendo o que você está fazendo agora: afirmar, observar, dar nome, etc. Assim, você não precisa mais perseguir-se tão cruelmente com seu ódio por si mesmo. Parece não haver outra saída a não ser odiar a si mesmo enquanto você tiver negligenciado esse processo crucial de identificar-se com a parte em você que é capaz de observar, afirmar, dar nome, escolher, determinar, adotar novas atitudes, enfrentar, abordar, reconhecer e ajustar sem um autojulgamento devastador. Também é possível julgar negativamente com um espírito sincero, mas faz toda diferença do mundo entre acreditar que aquilo que você julga é a única verdade do seu ser e perceber que a parte que pode admitir a presença da destrutividade tem outras opções e está mais próxima da sua realidade absoluta.

Que diferente deve ser sua atitude para consigo mesmo quando se dá conta de que é tarefa das entidades humanas trazer aspectos negativos com elas com a finalidade de integra-los e sintetizá-los! Isso proporciona honestidade sem desesperança. Que dignidade lhe é conferida quando considera que você empreende uma importante tarefa em prol da evolução. Quando vem para esta vida, traz consigo aspectos negativos com o objetivo mencionado. Existem certas leis significativas que determinam quais aspectos você traz consigo, mas não podemos nos aprofundar nesse tópico agora. Todo ser humano realiza uma tarefa imensa na escala universal da evolução. Uma entidade que não se ofereça, digamos, a desempenhar tal tarefa pode ser bastante livre, purificada, evoluída e harmoniosa, mas não está contribuindo para a evolução, como qualquer um dos presentes aqui está. Isso lhes confere uma grande dignidade. Essa dignidade é muito mais importante do que o sofrimento

momentâneo que decorre de não saber quem você é. Jamais se esqueçam que vocês não são suas características vergonhosas. Mas existe uma diferença entre a negação total dessas características e a conscientização do que estou tentando expressar a vocês aqui. Trata-se de uma daquelas contradições aparentes e sutis que existem tão frequentemente quando se lida com as esferas que residem além da dualidade – com as esferas que estão muito mais próximas da realidade absoluta. É necessário reconhecer os aspectos vergonhosos como parte de vocês e assumir a responsabilidade por eles para que vocês possam compreender verdadeiramente que não são esses aspectos. É possível ser responsável por eles sem acreditar que eles são sua única realidade. Somente quando você assume a responsabilidade por eles pela primeira vez, pode se dar conta da maravilhosa percepção de que você não é eles, mas carrega algo com você pelo qual assumiu a responsabilidade para um determinado propósito. Somente então pode vir a próxima etapa: a integração.

Para recapitular, temos as seguintes etapas ou estágios ou estados: (1) a atmosfera meio adormecida de não saber quem se é e cegamente batalhar contra aquilo que se odeia em si mesmo – consciente, semiconsciente ou inconscientemente; (2) o primeiro estado do despertar quando se pode reconhecer, dar nome, articular, observar aquilo de que não se gosta; quando se sente que esse é um aspecto de você em vez de ser a verdade secreta e absoluta sobre você; (3) a consciência de que o “eu” é aquele que observa, confronta, etc. Esse mesmo “eu” pode optar por novas disposições, decisões e escolhas. Pode procurar novas opções e possibilidades até agora jamais imaginadas – não por um passe de mágica, mas “experimentando” atitudes que antes eram totalmente negadas e ignoradas. Por exemplo, a atitude de definir uma meta positiva de autoaceitação sem a perda do senso de proporção, de proceder por tentativas em busca de novas maneiras, de aprender com os erros e os fracassos, de não desistir quando o sucesso imediato não vem, de ter fé em potencialidades desconhecidas que podem manifestar-se somente à medida que esses novos modos são adotados pela consciência, de concretizar essa adoção de que a consciência é capaz no momento presente. Isso leva (4) ao entendimento e à compreensão dos aspectos previamente negados e odiados, bem como à conexão com eles, o que significa sua dissolução e integração. Essa fusão ocorre simultaneamente com a consciência em constante expansão que absorve mais da realidade espiritual, que agora pode se desdobrar em graus cada vez maiores. Isso significa purificação.

Na medida em que a vida é vivida dessa maneira, nessa mesma medida a consciência como um todo, que tudo permeia, fica menos dividida em suas partículas e mais unificada. Quando você assimilar o que eu disse aqui, compreenderá vários fatos muito importantes: primeiro de tudo, verá a tremenda importância em geral de reconhecer os traços demoníacos e distorcidos. Assumirá total responsabilidade por eles o que, por mais paradoxal que isso possa parecer, o libertará de sua identificação com tais aspectos. Saberá completamente que você é você e que esses aspectos não são se não apêndices ou anexos que você pode absorver à medida que os dissolve. Ou seja, a energia básica e a natureza sem distorção podem se tornar parte da consciência que você manifesta. Essa é a primeira etapa da verdadeira identificação de si mesmo: aquele que observa é você, que não é aquilo que está sendo observado. Dessa forma, não importa o quão indesejável seja, torna-se totalmente possível lidar com isso, aceitá-lo, explorá-lo, trabalhar com isso, não se deixar mais atemorizar por isso. A capacidade de observar e determinar, assinalar e avaliar e, finalmente e igualmente importante, escolher as melhores atitudes possíveis quanto ao que fazer com o que foi observado – esse é o verdadeiro poder de nosso eu real, que já existe no presente momento. Liberdade, liberação, o conhecimento do eu, a descoberta do eu são os primeiros passos em direção à realização da consciência maior, da consciência divina universal em você. Enquanto isso não é feito, sua consciência espiritual mais profunda permanece somente um princípio, uma teoria e uma potencialidade a ser realizada somente no futuro. Você pode crer nela com seu intelecto, mas não pode verdadeiramente certi-

ficar-se dela em si mesmo até usar a consciência que já está disponível agora, mas que você permite que permaneça sem uso onde quer que seus assim chamados problemas existam. Somente à medida que esses quatro estágios são ultrapassados e trabalhados, conforme os descrevi nesta palestra, sua mente consciente pode se expandir o suficiente para deixar entrar sabedoria, verdade, amor, energia, força de sentimento, capacidade de transcender opostos dolorosos, aspectos estes que ainda não estão manifestos e que enriquecerão e criarão sua vida, levando-a a mais alegria e prazer.

No momento em que ocorre a autoidentificação, um terror profundo e aparentemente inextinguível da alma humana desaparece. Com frequência, esse terror não é vivenciado conscientemente. Somente no limiar desses estados que descrevi aqui, durante a mudança de estar perdido e cego e não saber o que ou quem é, até os primeiros sinais da verdadeira autoidentificação, é que você se torna ciente do terror. Esse é um período de transição que pode durar semanas ou muitas encarnações. Você pode optar por ocultá-lo de si mesmo ou encará-lo. Na medida em que o encara, você o supera mais rapidamente. Não consegue nada ocultando-o, já que o terror deixará suas marcas indelévels em sua vida, o que não é nem um pouco menos doloroso e limitador do que a real experiência do terror, muito pelo contrário.

Esse terror existe somente porque você não sabe que existe um você real por trás daquilo que odeia. Por causa desse terror, hesita tão sistematicamente em identificar o que odeia. Enquanto lhe falta a coragem de explorar se seu medo é justificado ou não, não poderá descobrir que não é, que você é muito, muito mais do que teme ser. Com frequência, a personalidade humana se encontra às beiras de querer dar esse passo. Mas essa beira é sentida como um precipício, o que causa a hesitação e faz com que se prolongue a pseudoexistência. Quando não se lida com esse ponto, permanece na alma o terror, que então é negado e reprimido – e esse terror reprimido tem efeitos adversos adicionais na personalidade, que se torna mais e mais alienada de seu verdadeiro núcleo.

Quando você finalmente toma a decisão definitiva, compromete-se a preencher essa lacuna, o terror desaparece e você se dá conta de que pode descobrir quem você é e que a vida é plena e rica e aberta e infinita. No momento em que você vivencia o fato de que é aquele que observa e não aquilo que está sendo observado, não há mais a necessidade de aniquilar-se, de não ter nenhuma outra existência, senão a máscara fraudulenta ou o demônio odioso ou o ego centrado egoísta e mesquinho. Assim, a identificação de si mesmo remove o terror da aniquilação – não apenas da morte, mas da aniquilação. São coisas diferentes, como vocês todos devem perceber.

Retornemos agora, mais uma vez, à mente consciente tal como já existe em você neste momento. Ela se encontra agora no estado de ser capaz de reconhecer uma observação no eu, um aspecto do eu. Aquela parte que observa tem muitas opções, como disse. Sua atitude com relação às suas características demoníacas, primitivas, indesejáveis é a chave para a expansão de sua consciência. Ouve-se falar muito sobre o conceito de expansão da consciência hoje em dia. Com frequência, acredita-se tratar de um processo mágico que ocorre de repente. Não é esse o caso. Para alcançar a verdadeira consciência espiritual, é necessário primeiro prestar atenção ao material ainda não inteiramente utilizado que existe em você, que você não está usando por completo neste momento. Cada minuto de depressão ou ansiedade, cada atitude de desesperança, ou de algum outro modo negativa em relação a uma situação, contém diversas outras opções. Mas é necessário um ato de vontade interior de sua parte para despertar forças em você que estão dormentes e torná-las disponíveis. Então, quando as potencialidades já disponíveis estão sendo usadas, um poder muito maior da consciência espiritual se desdobra gradualmente, como uma expressão orgânica.

Com frequência, as pessoas passam por várias práticas espirituais e esperam por uma manifestação miraculosa da consciência maior, enquanto sua mente imediata e seu poder de pensamento estão emaranhados nos mesmos caminhos de atitudes, sentimentos, pensamentos e perspectivas negativas. Elas deverão ficar desapontadas ou passar por desilusões. Nenhum exercício ou esforço, nenhuma esperança de uma graça na forma de uma intervenção de fora pode lhes proporcionar a verdadeira consciência e as genuínas manifestações de seu eu espiritual.

A energia criativa inerente aos pensamentos e ao processo de pensamento é totalmente subestimada pela maioria dos seres humanos. Assim, as possibilidades de criar e recriar a vida são negligenciadas. Fazer uso desse poder criativo é um empreendimento desafiador e fascinante. Você pode explorar os recessos de sua mente consciente, a partir deste momento, em busca de novas maneiras melhores e mais criativas de enfrentar dificuldades, de opções de reação mais realistas e construtivas. Você não precisa reagir da maneira como reage. Tem à sua disposição muitas escolhas e possibilidades de raciocínio, de direcionar seus pensamentos, seus processos de pensamento e padrões de atitude a uma nova meta. Na exata medida em que a devida autoidentificação não tiver ocorrido, na exata medida em que, em uma ou outra área de si mesmo, você ainda estiver secretamente identificado com aquilo que mais detesta em si mesmo e resistir a observá-lo, nessa mesma medida sua consciência será incapaz de aproveitar suas opções e possibilidades.

Quando começar a perguntar-se “Que atitude opto por ter em relação àquilo que agora observo em mim e de que não gosto?”, você terá feito uma das descobertas mais significativas na presente fase de sua evolução. Isso não requer uma mudança radical subliminar do eu espiritual mais profundo. Simplesmente significa usar o que você já disponibilizou no transcorrer de séculos ou milênios de evolução.

Quais são, por exemplo, tais opções diante da observação de atitudes e intenções horrendas e destrutivas em você? Você pode optar por ficar totalmente consternado e impotente com relação a elas (que é o que vem fazendo até agora, ainda que sem a consciência desse fato). Pode escolher pensar que é impossível jamais ser diferente e que essa é a única alternativa que lhe cabe. Ou pode optar por pensar que você tem o poder de fazer uma mudança imediata e drástica. Tal atitude não é mais positiva do que a anterior, simplesmente porque é baseada na falta de realidade. Ela deve, portanto, levar a uma decepção inevitável e a uma negatividade aparentemente ainda mais justificada. A desesperança irrealista e a esperança mágica irrealista são os dois polos do pêndulo que levam a um círculo vicioso. Mas será que você não tem outras opções disponíveis? Não será possível escolher, com sua mente no estado em que se encontra agora, outras modalidades? Você pode dizer, por exemplo, “É provável e previsível que eu esqueça e fique envolvido novamente com a velha cegueira e seus reflexos condicionados. Mas isso não precisa me deter. Terei que me esforçar novamente e tatear até encontrar, de novo e de novo, a minha chave. Mas eu farei isso, posso fazer isso e posso, com isso, construir gradualmente uma nova força, recursos e energias. Não vou desanimar diante do fato de que construir um lindo edifício requer paciência. Não serei infantil o suficiente para esperar que isso seja feito de uma só vez. Esse é o meu desejo e usarei todos os meus recursos para tal, mas serei paciente e realista. Eu gostaria que os poderes espirituais em mim me guiassem, mas se ainda não puder perceber a guiança porque, no início desta tarefa, minhas energias são densas demais e minha consciência é demasiado embotada, confiarei, aguardarei e serei perseverante. Quero dar o meu melhor na aventura de viver. Tentarei vezes sem conta encarar, observar, dar nome, identificar aquilo de que não gosto, sem me identificar com ele. Buscarei novas maneiras de compreender isso tudo para que, finalmente, acabe por superar tudo isso.” Tal atitude está à sua disposição. Não é mágica. É uma escolha imediatamente disponível. Você pode sair daqui esta noite com a atitude de

que gostaria de observar e dar nome em vez de se deixar submergir naquilo a que, até agora, você não quis dar um nome e observar. Estas, bem como outras atitudes e opções, existem em todo possível dilema e dificuldade.

Existe em você um conhecimento que você pode aplicar àquilo que observa. Se usar esse conhecimento disponível e essas atitudes, expandirá esse conhecimento e o escopo das atitudes e sentimentos. Quanto mais fizer isso, mais poderá contar com a certeza de que a consciência ilimitada e infinitamente superior do eu espiritual ainda submerso se integrará à sua mente consciente, de modo que você se transforme nele. Como disse anteriormente, isso acontece da melhor maneira em um diálogo tríplice: o diálogo do eu consciente com os aspectos demoníacos, o diálogo da mente consciente com o eu divino e o diálogo entre o eu divino e o eu demoníaco. Em todas essas três possibilidades, ambos os lados falam e ouvem alternadamente, como em qualquer conversa significativa. Mas esse diálogo tríplice vem somente em um estágio posterior do desenvolvimento. Portanto, quanto mais você puder perceber e observar dessa forma, mais fácil se tornará dar o próximo salto, que será a percepção de sua verdadeira identidade espiritual. A essa altura, você saberá verdadeiramente que essa incrível consciência, bela e ilimitada, é o você real, em que reside todo o poder e onde não há nada a temer.

Meus amigos, mais uma vez, esta palestra requer um trabalho diligente. Muito do material não pode ser absorvido de imediato porque é difícil. Ele exige não apenas que vocês concentrem suas mentes e usem sua boa vontade, mas também que contatem, por meio da meditação, os âmbitos da realidade espiritual e o poder para ajudá-los a assimilar e aplicar o que eu disse.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.